



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

O mundo L: múltiplos corpos/múltiplos gêneros/múltiplas sexualidades

Carla LisboaGrespan¹

Resumo: A multiplicidade de corpos e sexualidades levanta-se contra os discursos regulatórios que os constroem como “normais” ou “anormais”: são os drag kings, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientes ciborgues, os gays, lésbicas, travestis, bichas-boy, transexuais, intersexuais, crossdressers, bissexuais, heterossexuais, assexuados, ursos, barbies, butches, femmes, fairyqueens, butchqueens. Estas novas identidades que trazem à tona corpos reestruturados e resignificados colocam uma possibilidade de transitoriedade que dissolve o essencialismodicotomizado, revelando, por exemplo, as possibilidades de construção do masculino e do feminino, a transformação dos gêneros e a maleabilidade das identidades. Assim, tornando o corpo, na contemporaneidade, o eixo determinante para a construção das identidades.

Palavras Chaves: Corpo; lesbianidades; gênero; identidades.

Abstract: The multiplicity of bodies and sexualities rises against the regulatory discourses that construct as "normal" or "abnormal" are drag kings, women shaving, the transbichas without sticks, cyborgs disabled, gays, lesbians, transvestites, queers boy, transgender, intersex, crossdressers, bisexual, heterosexual, asexual, bears, barbies, butches, femmes, fairy queens, butch queens. These new identities that bring up the bodies and restructured resignificados pose a possibility of dissolving the transience dichotomized essentialism, revealing, for example, the possibilities of construction of masculine and feminine, the transformation of gender identities and malleability. Thus, making the body, nowadays, the shaft determines the construction of identities.

Keywords: Body; lesbianidades; gender; identities.

Resumen: La multiplicidad de loscuerpos y las sexualidades se levanta en contra de los discursos normativos que construyen como "normal" o "anormal" son losdrag kings, afeitarselasmujeres, lostransbichassinpalos, cyborgsdiscapacitados, gays, lesbianas, travestis, homosexualesvaronestranssexuales e intersexuales, travestis, bissexuales, heterossexuales, asexuales, osos, muñecasBarbies, bujarrones, femmes, las reinas de hadas, reinas butch. Estas nuevas identidades que traen loscuerpos y resignificadosreestructuradosrepresentan una posibilidad de

¹ Professora Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano PPGCMH/ESEF/UFRGS. Licenciada em Educação Física pela UFRGS e História pela PUCRS. Membro do Grupo Estudos sobre Cultura e Corpo (GRECCO/ESEF/UFRGS).



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

disolver la fugacidad dicotomizada esencialismo, revelando, por ejemplo, las posibilidades de construcción de lo masculino y lo femenino, la transformación de las identidades de género y maleabilidad. Así, haciendo que el cuerpo, en la actualidad, eleje determina la construcción de identidades.

Palabras clave: Cuerpo; lesbianidades; género; identidades.

Não existem desejos “anormais” ou gêneros “anormais”. A perversidade existente reside no conceito de normalidade que restringe o gênero a apenas duas categorias.

Eliane Borges Berutti

1 Introdução

A participação como militante no movimento social LGBT oportunizou a vivência neste movimento tão polimorfo, que não pode ser abarcado por somente 4 letrinhas, estas tão arraigadas às normatividades da sociedade classificatória. As Paradas do Orgulho LGBT é um movimento de sujeitos abjetos que procuram visibilidade e direitos civis. Ser abjeto é estar à margem, não ter modelos, ser “invisível”, isto trás embaraço, recolhimento, mentiras, acobertamento, cria-se um mundo à parte, um “gueto”.

O movimento LGBT vem se construindo com mudanças, expansões, incorporações, transgressões, mas algumas questões ainda me incomodam: como, dentro de um movimento social tão discriminado, criam-se modelos a serem seguidos tornando outros marginais (bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros)?, como a heteronormatividade se (re)configura nas relações homossexuais?, de que modo à luta por visibilidade vai ao encontro do modelo heterossexual?.

A mídia, especificamente a televisiva, é um dos locais pedagógicos onde os discursos hegemônicos e, também, os subordinados lutam para permanecer ou chegar ao centro, articulando representações que vão constituir sujeitos e suas identidades. O discurso midiático constrói, afirma e (re)significa as normas, mas, também, provoca resistências, insubordinações, borrando fronteiras pré-estabelecidas. Rosa Fischer afirma que:

a televisão é parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. (2002, p. 155)



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

A partir desta perspectiva selecionei um artefato cultural denominado “The L Word” (seriado exibido pela Warner), que foi o único veiculado no Brasil, que aborda o amor entre mulheres. Suas seis temporadas são recheadas de cenas com temas muito discutidos neste nosso tempo: homoparentalidade, visibilidade homossexual, práticas sexuais, homossexualidade/consumo, travestilidade, transexualidade, transgeneridade.

Delimitei como *corpus* de análise a personagem “Moira”, apresentada na 3ª temporada, exibida nos Estados Unidos em 2006 e no Brasil em 2007, pois ela representa dois dos principais temas tratados durante a temporada – travestilidade e transexualidade -, estes considerados de fronteira, até mesmo na “comunidade lésbica”, porque borra a linearidade da dicotomia mulher/homem, feminino/masculino, homossexual/heterossexual. A personagem representa “outra” identidade lésbica e/ou “outra” identidade sexual, pois nos primeiros capítulos é uma “butch”, lésbica que se transveste de homem, com o desenrolar da temporada vários passos são tomados em direção a “transformação”, a transexualidade.

Para Stuart Hallas "nossas identidades" poderiam ser conceituadas como:

o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (2007, p. 111-112)

A personagem Moira nos invoca a refletir sobre as identidades lésbicas e como estas foram constituídas nos movimentos sociais que emergiram no século XX e tomaram como base o movimento feminista. Muitas perguntas foram formuladas, mas quero me deter em uma, como às representações heteronormativas constituíram a homonormatividade na comunidade lésbica fazendo com que determinados corpos se tornem abjetos?.

Sem querer apresentar respostas, pois podem ser múltiplas, e sim debater a questão proposta, lanço mão das Teorias Pós-estruturalistas, os Estudos Culturais e Estudos Queer, que nos permitem um “outro” olhar sobre os artefatos culturais quando os tomam como instâncias pedagógicas que nos ensinam formas de ser e estar no mundo e as relações de gênero e sexualidades, dissociando a pretensa ordem linear entre sexo, gênero e desejo.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Estes outros olhares fazem emergir a discussão sobre as transformações sociais e biotecnológicas, as intervenções cirúrgicas estéticas, a invenção das próteses de vários tipos e as cirurgias de transgenitalização. Colocam o corpo, seus atributos, sexualidades, sensações e desejos no centro do interesse das produções acadêmicas.

2 Corpo: o *lócus* da diferença

O corpo emerge, na cultura contemporânea, como um grande marcador social, um operador de diferenciação nas suas formas, suas condutas e suas expressões; onde os sujeitos serão incluídos ou excluídos de seus direitos. O corpo, aqui entendido, como "o local primeiro da identidade, o *lócus* a partir do qual cada um diz do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes e defeitos". (GOELLNER, 2008, p. 39)

Viver e usar o corpo de um determinado modo implica numa escolha, em assumir uma infinidade de estilos já estabelecidos, de interpretar, reproduzir e (re)organizar as normas, ou seja, os corpos e seus significados são múltiplos, ultrapassam fronteiras e são lugar de disputas dos diversos discursos que se articulam, se conflituam e/ou convivem com outros, em vários espaços pedagógicos (mídia, escola, família, amigos).

Nossas escolhas marcam nossos corpos, tornando suas inscrições provisórias, instáveis e contingentes; constroem nossas identidades, demarcando simbólica, social e materialmente as diferenças e as fronteiras. As marcas em nosso corpo permitem analisar como e quais as “verdades” que as produziram e "como aprendemos a reconhecer nossos corpos como femininos ou masculinos". (SCHWENGBER, 2004, p.78)

A ideia do corpo como representação sustenta grande parte dos estudos atuais sobre a sexualidade, esta envolve uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que permitem a homens e mulheres viverem, de determinados modos, seus desejos e seus prazeres corporais. (WEEKS, 1999).

A partir do século XIX, foram sendo construídos discursos que buscam uma suposta essência para constituir os sujeitos a partir das suas características, apoiam-se nas oposições binárias, classificando, discriminando e hierarquizando o corpo e suas práticas. A sexualidade tornou-se um campo de disputa destes discursos (religiosos, científicos, políticos) que pretendem defini-la, delimitá-la, naturalizá-la; esse campo envolve formas de poder-saber que, ao mesmo tempo, controlam e incitam.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Segundo Foucault (1988), a sexualidade é um “aparato histórico”; um dispositivo instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo e os efeitos de seu poder sobre o corpo produzem os discursos do verdadeiro homem, da verdadeira mulher, do verdadeiro gay, da verdadeira lésbica. Dentre os efeitos deste dispositivo está a experiência corporal generizada.

Para Judith Butler (2010), o gênero e a sexualidade não podem ser entendidos como pré-discursivos, as condições de produção são necessárias no entendimento da construção dos sujeitos em consonância com o cenário onde atuam. Os sujeitos são construídos e se constroem num determinado lócus, que também não está dado. A nomeação do sexo restringe a construção e percepção da corporeidade do sujeito, sendo um ato performático de dominação e coerção que institui uma realidade social, categorizando modelos de ser masculino e de ser feminino, descartando qualquer possibilidade de articulação com as pluralidades.

As identidades sexuais e de gênero são marcadamente distintas mesmo que se atravessem e se combinem de formas diversas, são dinâmicas, instáveis e estão em constante transformação. Sem negar as diferenças anatômicas, mas considerando-as para além do corpo, do sexo e do gênero, a partir de um olhar plural de sexualidades e gêneros, podemos entender que a construção destas identidades é sempre uma relação de alteridade entre discursos e práticas, entre pertencimentos identitários e posições de sujeitos.

As novas identidades que trazem à tona corpos reestruturados e resignificados colocam uma possibilidade de transitoriedade que dissolve o essencialismodicotomizado, revelando, por exemplo, as possibilidades de construção do masculino e do feminino, a transformação dos gêneros e a maleabilidade das identidades. Assim, tornando o corpo, na contemporaneidade, o eixo determinante para a construção das identidades, devido seu caráter simbólico, subjetivo e material.

3“**The L Word**” – o seriado

O seriado “The L Word” é um programa do gênero ficção transmitido pela TV fechada. Foi ao ar pela primeira vez em 18 de janeiro de 2004, no canal Showtime (Estados Unidos), e no Brasil, em 10 de julho 2005. No Canadá, era transmitido pelo canal Showcase, e no restante da América, pela Warner Channel. A produção inclui Ilene Chaiken, Steve Golin e Larry Kennar/Showtime Networks e como *studio* a MGM Television.²

² Informações técnicas encontradas no site <http://seriesonline.terra.com.br/thelword/index.html>



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

O título (cuja tradução é "A Palavra L") refere-se tanto à palavra "lésbica" como a uma série de outras; algumas são visíveis na sequência de abertura regular da 1ª temporada, sendo as mais claras: "longing" (desejo), "lies" (mentiras), "love" (amor), "laughter" (riso), "lesbian" (lésbica), "lust" (desejo carnal), "life" (vida) e Los Angeles (cidade onde a série ocorre).³

Transmitida pela Warner e produzida pela empresa Showtime do Canadá, tem como escritora Ilene Chaiken, lésbica “assumida”, que apresenta, entre outras, situações vividas por ela e sua parceira. Na criação da série ela recebe ajuda de Guinevere Turner, atriz e roteirista do filme que se tornou cult lésbico, "Go Fish", e de Rose Torche, também lésbica “assumida”, que ganhou em 1994 o prêmio "Teddy", pela direção do mesmo "Go Fish" (O Par Perfeito), eleito o melhor filme gay no festival de Berlim.

Em uma entrevista ao jornal "The Observer", a escritora e produtora do seriado, Ilene Chaiken, relata o quanto foi difícil levar ao ar "The L Word". Segundo ela, durante três anos só viu portas fechadas, e que as coisas mudaram quando os executivos do canal Showtime (onde foi exibido nos EUA), ficaram animados com o sucesso da versão americana do seriado inglês "Queer as Folk" (no Brasil, "Os Assumidos"). Para ela “é uma espécie de antropologia lésbica e tem sido chamado de “Dyke as Folk” ou "Lesbians in the City". A lésbica que assistir à série vai se sentir representada”. (SAITO, 2005)

“The L Word” é carregado de drama, com pitadas de comédia e, principalmente, longos minutos de cenas erótico-sexuais e nus frontais; congrega mulheres com gostos e anseios diferentes, reunindo desde o feliz casal que quer filhos, passando pela “hetero confusa”, pela lésbica que só topa sexo sem compromisso até aquela que pretende uma mudança de sexo.

A partir da 3ª Temporada são abordados temas muito discutidos pelo “universo lésbico”, como o rompimento de uma relação estável homossexual, incluindo disputa pela guarda da filha; dúvidas de uma personagem sobre sua orientação sexual, depois de anos em uma relação homoafetiva; dependência química causada por antidepressivos, por causa de um relacionamento rompido; doença grave que poderia até ser curada se diagnosticada no início; transexualidade. Infelizmente muitos destes temas são tratados superficialmente.⁴

O lançamento do seriado no Brasil, em 2006, dois anos depois de sua estreia nos Estados Unidos, suscitou algumas polêmicas: a primeira, relacionada com os cortes nas cenas e falas da 1ª temporada. Críticos e algumas ativistas lésbicas, mesmo não querendo desmerecer um ato tão “audacioso” de uma emissora católica exibir um seriado polêmico, não acharam explicação para a censura, nem concordaram com a desculpa, dada pela Warner: “existem duas edições: uma para

³ http://pt.wikipedia.org/wiki/The_L_Word

⁴ <http://www.thelwordbr.com.br/tlwprov1.htm>



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

dentro e outra para fora dos EUA”. A internet fez cair por terra as explicações da Warner Channel, pois, em muitos países, a série é exibida sem cortes, mutilações nas dublagens do original ou alterações na ordem das cenas. O porquê dos cortes no Brasil, ou melhor, em toda a América Latina, nunca não foi, satisfatoriamente, explicado.⁵

Militantes do movimento lésbico fizeram críticas à autora e à diretora do seriado, por acreditarem que o mesmo estava sendo produzido sob a perspectiva de “um olhar masculino”, argumentando que a maioria das lésbicas representadas é magra, bonita e *femme* (as nossas *ladies* brasileiras), por apresentar cenas de sexo e de nudez em grande quantidade e de forma mais explícita que outros seriados heterossexuais como “*Sex and the City*”. (ABRAMO, 2005)

4Lesbianidades: múltiplos corpos e múltiplos gêneros

A sexualidade torna-se a pauta do dia desde que encerrada nos limites do inteligível, da norma. Aponta-se a heterossexualidade compulsória justamente como sistema que acomoda e hierarquiza as relações de gênero, onde o homem é o modelo para todas as relações, inclusive aquelas na qual ele não está presente.

Segundo Kathryn Woodward (2007), na sociedade ocidental as identidades sexuais e de gênero são organizadas na forma de oposições binárias, feminino/masculino, homossexual/heterossexual, mantidas por instâncias pedagógicas que priorizam os discursos que definem o gênero relacionando-o a uma determinada forma de viver a sexualidade: a heterossexualidade. Deste modo, produzem representações de apenas dois gêneros, definidos pela anatomia, e uma possibilidade de vivência da sexualidade. Logo a heterossexualidade passa a funcionar como a norma, sendo universalizada e naturalizada, tornando qualquer outra forma de viver a sexualidade “anormal”, desviante, marginalizada.

Este sistema classificatório é intrínseco às relações de poder e faz com que o “diferente” tenha uma qualificação negativa, nomeando-o como a margem e o “normal” como centro, produzindo a fronteira entre a “norma” e o “desvio”, procurando fixar e estabilizar a identidade torná-la hegemônica. Isto, não significa que o sujeito deixe de ultrapassar essas fronteiras, sendo necessário colocar em prática o processo de heteronormatividade.

Dentro da lógica binária do par homem-mulher, as questões relacionadas à homossexualidade causam desconforto. As/os homossexuais estão inseridos no rol dos sujeitos abjetos, das aberrações. Segundo Judith Butler “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais

⁵<http://www.thelwordbr.com.br/tlwprov1.htm>



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

sua materialização é imposta”, ele molda a identidade de gênero e é moldado pelos discursos de feminilidades e de masculinidades, tendo múltiplas configurações. (BUTLER, 1999, p. 154)

A 3ª temporada do seriado “The L Word” apresenta uma nova personagem “Moira”, nascida em *Scookie*, cidade do Meio-Oeste, cursou a faculdade de *Harper College Tech*, tendo como profissão construção de *websites*, programação, administração de redes, instalação de redes sem fio e automação. Assumidamente uma “butch”, seu visual e gestual procuram o fenótipo masculino, mas, além disto, demonstra não estar contente com o seu corpo feminino, supondo-se que esteja no limite de converter-se em transexual.

Algumas cenas demonstram as questões sobre travestilidade, transexualidade e transgeneridade, durante a da viagem de Scookie para Los Angeles, Moira e Jenny (namorada) param na estrada para urinar, a namorada fica surpresa, pois Moira urina de pé, e pergunta como ela faz aquilo, recebendo como resposta: “Sempre fiz. Desde quando era pequena. Quando meu pai me viu, me deu um soco”. E quando param um trailer para pedir gasolina e o motorista “Hall”, durante todo o dialogo dirige-se, somente, a Moira, pensando, ser um homem. Ela faz questão de referendar o que Hall pressupõe, tanto que ao ser perguntada pelo seu nome, responde “é Max!”.

A personagem “Moira” moldou seu corpo ao se identificar com um dos modelos midiáticos de masculinidade, o discurso que trás masculinidade grudada ao sexo macho e que tem representações como gestos grosseiros e vestimentas pouco elegantes. Muitas lésbicas desaprovam este fenótipo “butch”, como explicar esse preconceito em relação à masculinidade feminina?.

A homossexualidade é perpassa por uma identificação de gênero, a lésbica é masculina, e a feminina, o que é?. Assim um determinado sexo, implicaria num determinado gênero que resultaria num determinado desejo (sexualidade um destino). Então, o que fazemos com as transgressões, com as subversões?

Na tentativa de analisar esta questão, primeiramente, temos que significar as palavras “butch” e “femme”. Utilizadas pelas comunidades lésbicas norte-americanas, desde a década de 50, são representações de identidades que subvertem a heteronormatividade. As “butches”, necessariamente, não adotam apenas um código de masculinidade, podem ser levemente masculinas, demasiadamente masculinas e algumas “drag-kings” (mulheres que se transvestem de homens); algumas ocultam os órgãos genitais e outras não permitem a penetração, ou mesmo nem se despem na frente de “femmes” (mulheres que seguem o modelo dominante de feminilidade); umas adotam comportamentos masculinos não aceitáveis e outras modelos idealizados.

Muitas podem ser as explicações para a rejeição das masculinidades das mulheres “butch”, de um lado, a sociedade tende a aceitar de forma positiva decerto tipo de masculinidade feminina, aquela que está ligada ao modelo de homem sensível, gentil e delicado, por outro lado, as

representações masculinas negativas que povoam o imaginário de algumas lésbicas, como machismo e vulgaridade, são condenadas pelas mulheres. Duas cenas podem exemplificar esta fala, a primeira é a chegada de Moira e sua namorada em Los Angeles, onde elas se dirigem para antiga casa de Jenny, hoje habitada por Shane e Carmen, entre abraços, beijos, cumprimentos alguns diálogos mostram o incomodo das vestimentas, dos gestos e até das palavras proferidas por Moira:

Shane: De quem é esse furgão?

Carmen: Não sei. E quem é esse?

Shane: A namorada de Jenny.

Carmen: Namorada?

...

Carmen: Que tal ajudarmos com as malas?

Moira: Oh, vocês relaxem, meninas, e deixem que as "butches" descarregam o furgão. Vem, Shane!

Carmen: (fala para Shane com ar de deboche) Venha, "butch", a descarregar.

A segunda cena desenrola-se na janta de recepção de Jenny que as amigas preparam em um restaurante chique denominado "Tile", entre a conversa sobre como estava o livro de Jenny, como ela se recuperou da tentativa de suicídio e as novidades de cada uma das amigas, Moira apresenta-se deslocada, pois o círculo de amizades de Jenny, a princípio, mostra-se de mulheres de classe média e alta, lésbicas "femmes", que nem um pouco estão interessadas pela "butch" vestida de calça de jeans, camiseta e camisa de flanela quadriculada e com as mangas cortadas. Em alguns momentos, demonstra-se constrangida por não ter dinheiro suficiente para a janta.

Numa tentativa de se engajar na conversa, Moira, conta porque as lagostas fêmeas não precisam ser cozinhadas com a panela tampada, dando como “moral da história” que as mulheres não conseguem serem amigas e estão sempre competindo entre si, as amigas de Jenny não gostaram muito da história, ficando caladas. Moira olha para todas como se perguntando “o que estou fazendo aqui num mundo tão diferente do meu?”, levanta-se e vai embora, sua namorada pergunta “por quê?” e ela responde: "São suas amigas, realmente não combino."

As identidades de sexualidade são construídas, através de arranjos, de negociações e não estão presas definitivamente às estruturas de dominação e sujeição. Para Guacira Lopes Louro:

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. [...] Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como

todas as identidades sociais) têm um caráter fragmentado, instável, histórico e plural [...](1999, p. 12)

5 Considerações Finais

A multiplicidade de corpos e sexualidades levanta-se contra os discursos regulatórios que os constroem como “normais” ou “anormais”: são os *drag kings*, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientes ciborgues, os gays, lésbicas, travestis, bichas-boy, transexuais, intersexuais, *crossdressers*, bissexuais, heterossexuais, assexuados, ursos, *barbies*, *butches*, *femmes*, *fairyqueens*, *butchqueens*.

Para Beatriz Preciato “é preciso admitir que os corpos não são mais dóceis [...] as reapropriações e os desvios das tecnologias do corpo construíram o corpo *straighte* o corpo desviante moderno”. (PRECIATO, 2011, p.15)

As lésbicas estão inseridas no rol dos sujeitos abjetos, das aberrações. Há quem não consiga aceitar a diversidade (diferença), mas há ainda quem não consiga aceitar a diversidade dentro da diversidade. No universo lesbiano não existe “a lésbica”, mas uma multiplicidades de ser lésbica, as chamadas femininas (*femmes* e *lesbianchic*) e as masculinas (*butchs*, *drag kings*, *bioqueens*, *transgêneros* e *transexuais*), são muitas classificações que não abarcam os atravessamentos entre elas.

Não é difícil concordar que a sociedade encara de forma positiva certo tipo de feminilidade masculina – a valorização do homem sensível, do homem grávido, do lado feminino dos homens “modernos”. Por que há, então, uma rejeição à masculinidade das mulheres?. Os casos de violência verbal, física e sexual contra as lésbicas são dirigidos principalmente às mais masculinizadas. Para a sociedade heterossexista, machista e patriarcal, não é suportável ver uma mulher “o sexo frágil” querer “se colocar” no “lugar” do homem “detentor do poder”.

A sociedade condena a masculinidade feminina que está relacionada ao modelo de homens da classe operária, sem o refinamento e a elegância da masculinidade da elite. Em geral, as mulheres masculinas, que adotam características, comportamentos e vestem-se de forma semelhante aos homens elegantes, refinados, que trazem um ar de androginia, que se parecem com rapazes cheios de “estilo” não são rejeitadas e são até objeto de desejo.

Pode-se dizer que temos uma “norma” do que podemos aceitar como “lésbica”, aquelas que reproduzem a feminilidade (*femmes* e *lesbianchic*) socialmente constituída ou produzem um sentimento de fetiche (*andróginas*). Desta forma, estamos constituindo a homonormatividade, ou



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

seja, as normas da homossexualidade, os corpos e gêneros dos homossexuais que são visíveis e possíveis para a sociedade.

A cultura contemporânea nos apresenta um mosaico das identidades, tão difícil de explicar, mas que precisa ser visto como um processo de desconstrução e descontinuidade de valores, verdades e estruturas. Novos desenhos e configurações precisam ser considerados, caso contrário não será possível abrir novas fronteiras e abraçar uma nova genealogia de gênero e de sexualidade.

O sujeito corporificado não é sempre o mesmo o tempo todo, o aparato que constrói o corpo não consegue fixá-lo, ora ele é assujeitado, ora consegue fugir. E são nestas linhas de fuga que novas corporeidades mostram um social com mais cores, sons e luzes, uma multiplicidade das práticas de gêneros e de sexualidades, que de modo algum podem ser vistas como uniformes e únicas.

O debate sobre sexualidade e as novas possibilidades de considerações da presença do sujeito não inteligível (*queer*) produzem reflexões teóricas para uma (re)leitura da(s) feminilidade(s), da(s) masculinidade(s) e das sexualidades como potencial subversivo e com poder político capaz de desestabilizar as relações hegemônicas na formação da heteronormatividade e da homonormatividade.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Bia. “L Word” é guiada pelo olhar masculino. Folha de São Paulo 02/10/05. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada>. Acesso em 30 jun. 2010.

BERUTTI, Eliane Borges. Drag Kings: brincado com os gêneros. In: Anais do X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – 2002. Disponível em: <http://rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/.../Berutti%20Eliane%20B.doc>. Acesso em 25 abr. 2012.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Dispositivo Pedagógico da Mídia: modos de Educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa. São Paulo. jan-jun. ano/vol. 28. n. 001. 2002.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes.; FELIPE, Jane.; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs). *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. 3ª Ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O Corpo Educado*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos "anormais". *Rev. Estud. Fem.* v.19, n.1. 2011.

SAITO, Bruno Yutaka. Lésbicas ganham seu primeiro seriado. *Folha de São Paulo*. 03/07/2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51712.shtml> Acesso em 30 jun. 2010.

SCHWENGBER, Maria Simone. Professora, cadê seu corpo?. In: MEYER, Dagmar Estermann.; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. (Orgs). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Porto Alegre, Mediação, 2004.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2007.

Carla Lisbôa Grespan

Av. Sertório, nº 498 apto. 12, Bairro Navegantes, Porto Alegre, RS, CEP: 91.020-000

carla.grespan@ufrgs.br